



O AFRICANISMO RELIGIOSO E A PAISAGEM DO ESPAÇO PÚBLICO URBANO DE PORTO ALEGRE, RS

Vladimir Stolzenberg Torres

Biólogo (PUCRS), Babalorixá, Dr. em Informática na Educação (UFRGS)
Universidade Cruzeiro do Sul - Campus Cachoeirinha, RS
E-mail: biologo.vladimir@gmail.com

Recebido em: 15/01/2026 – Aprovado em: 02/03/2026 – Publicado em: 30/03/2026
DOI: 10.18677/EnciBio_2026A6

RESUMO

O presente trabalho pauta-se em trabalhar a temática das Religiões de Matriz Africana na cidade de Porto Alegre (RS), como fator de modificação da paisagem pela interferência no espaço público urbano. Identifica-se o uso do espaço público urbano pelas expressões religiosas de Matriz Africana e os conflitos advindos da forma de intervenção. Percebe-se que existe uma resposta da sociedade motivada sob a égide ambiental, sanitária, mas, particularmente pelo inconsciente coletivo que expressa como estigma a manifestação religiosa da maioria (católica), em relação às minorias, as quais passam a ser vistas de forma crítica, especialmente no uso do espaço público, com isto visualizando-se uma segregação.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito Religioso; Espaço público urbano; Paisagem urbana.

RELIGIOUS AFRICANISM AND THE LANDSCAPE OF URBAN PUBLIC SPACE IN PORTO ALEGRE, RS

ABSTRACT

The present work is based on the work of African Matrix Religions in the Porto Alegre city (RS), as a factor of modification of the landscape by interference in the urban public space. It identifies the use of urban public space by the religious expressions of African Matrix and the conflicts arising from the form of intervention. It is perceived that there is a response of society motivated under the environmental and sanitary aegis, but particularly by the collective unconscious that expresses as stigma the religious manifestation of the majority (catholic), in relation to minorities, which come to be seen critically, especially in the use of public space, with this visualizing a segregation.

KEYWORDS: Conflict religion; Urban Landscape; Urban Public Space.

INTRODUÇÃO

Em linhas gerais, entende-se por paisagem todo espaço natural ou resultante de processos e/ou intervenções humanas, que se encontra em contínua transformação. Também é tida como uma seção do espaço abrangido pelo olhar. Com conceitos vinculados à distintas áreas, mostra-se um campo de análise científico amplo e de extrema complexidade. No tocante ao ambiente urbano, de acordo com Garcia e Miranda (2014), a paisagem pode ser analisada sob a ótica, sobretudo, da geografia, da arquitetura e da ecologia, dentre outras áreas do conhecimento, que contextualizam, de forma específica, tais mutações.

A compreensão do espaço, sua estrutura, morfologia, nível de organização, usos, dentre outros aspectos são questões circundadas de questionamentos e pontos de vistas distintos, dependendo da ótica da interpretação e do campo de análise, especialmente. Diferentes atores na cidade possuem distintas percepções ou apreensões da paisagem urbana. No campo da geografia, o estudo da paisagem vincula-se ao conceito de território e este às áreas delimitadas por relações muito específicas de poder, porém nem sempre vinculados somente a um grupo (ANDRADE, 1995), buscando compreender as dinâmicas que se relacionam com o espaço urbano; enquanto a arquitetura, segundo Maximiano (2004), se ocupa das qualidades estéticas e funcionais, o que, conforme Santos e Santiago (2007), trata-se principalmente das questões relacionadas à forma analisando os problemas e apresentando soluções técnicas. Na ecologia, por sua vez, busca-se determinar as relações entre a vegetação e desta com o meio, revelando, assim, aspectos ecológicos, biogeográficos e culturais; procurando compreender as interações dos elementos bióticos que constituem o aspecto vivo e mais mutável da paisagem urbana.

Segundo Maximiano (2004), como ambiente vivido e/ou captado pela consciência humana, a paisagem, de alguma maneira, sempre existiu junto com os seres humanos, levando ora à utilização prática de seus recursos, ora à contemplação e encantamento. Em se tratando da concepção de ecossistema urbano, passa-se a considerar a paisagem como o resultado material de processos (naturais, sociais e econômicos) que ocorram num determinado espaço. Assim, a paisagem se constitui a partir da síntese de elementos presentes no local (no âmbito deste estudo, do bairro Partenon) e sua apreensão se dá pela imagem resultante dela. No ambiente urbano, a paisagem apresenta-se, mormente, caótica, onde são evidenciados grandes fluxos de pessoas e de veículos, com alta concentração de edificações em uma área restrita e escassez de árvores.

Conforme Caixeta e Frota (2010), *as intervenções que leem e trabalham a cidade como episódios urbanos, territórios da paisagem, configuram-se como respostas possíveis a essa cidade mutante*; decorrendo tal condição de as urbes contemporâneas se expressarem como metrópoles difusas, que não podem ser compreendidas como o resultado exclusivo de uma concepção específica, por estar em constante processo de transformação, muito além de uma inteligibilidade em função da inexistência de limites evidenciáveis.

Segundo Bloomfield (2008), as cidades e as paisagens urbanas são um contexto privilegiado, em que se disputa o domínio dos sentidos que elas podem oferecer. Nesse contexto, diferentes agentes se inter-relacionam cotidianamente - às vezes em confronto, às vezes em consenso - no complexo jogo das imagens nas cidades. Administradores, gestores, planejadores urbanos, profissionais de comunicação, acadêmicos, comerciantes, artistas e a população em geral, conformam o grupo dos principais agentes atuantes na cidade.

Diante deste cenário, o estudo da paisagem urbana pode ser realizado por meio da análise de sua estrutura morfológica, bem como, de suas formas de uso e ocupação. Para Macedo (2012), ao se ter a estrutura morfológica, considera-se que esta pode ser caracterizada por elementos que se articulam entre si, como o suporte físico, os volumes urbanos (construídos ou naturais), os espaços livres de edificações, os parcelamentos e os seres vivos, em especial, os seres humanos que interferem mais significativamente na cidade. Assim, por exemplo, Rego e Meneguetti (2011), citam que neste âmbito e, considerando cidades paranaenses como objeto de análise, estudos de morfologia urbana têm investigado a origem, o sentido e as particularidades de formas urbanas inseridas em um processo de urbanização deliberada.

Neste contexto, Rosendahl (2001) acrescenta que o espaço é percebido de acordo com os valores simbólicos ali representados, de forma que a paisagem é resultado da interação homem-ambiente e que é afetada, por exemplo, pelo sistema de fé advindo da religiosidade como um dos elementos produtores e modificadores da paisagem, enquanto objeto de estudo desta pesquisa. Ou seja, a forma como são expressas a religião e a religiosidade popular altera significativamente a paisagem urbana. Torna-se, portanto, fundamental ter a clareza de que a religião faz parte da vida do ser humano e, dada a complexidade que a envolve, é possível relacioná-la à sociedade por meio da dimensão espacial, caracterizando-a na paisagem urbana e particularmente nos espaços públicos.

Torna-se assim importante, recordar que o significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque as experiências emocionais dos fenômenos sagrados são as que se destacam da rotina e do lugar comum. Nesse sentido, no âmbito deste artigo, entende-se como sagrado *um elemento pertencente à divindade, ou à dimensão espiritual, por tais aspectos, inviolável ou inacessível aos homens* (definição emitida pelo autor).

Segundo Rosendahl (2001), manifestações de matriz africana se apropriam, de forma pontual e temporária, do espaço e da configuração urbana, como por exemplo, os trabalhos e oferendas feitos nas encruzilhadas, esquinas e praças, criando a interpretação de uma territorialização religiosa.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo principal a análise das marcas religiosas afro-brasileiras deixadas na paisagem urbana do bairro Partenon, situado na Região Leste de Porto Alegre, mais precisamente em seus espaços públicos, a fim de compreender a espacialização do segmento religioso afro-brasileiro e a percepção dos diferentes atores sociais sobre eles na cidade de Porto Alegre.

Cabe ressaltar que este artigo não se detém a analisar a paisagem sob a ótica dos elementos construtivos, mas sim compreender o impacto visual dos aspectos que se façam presentes, e identificar os variados usos e interações sociais desenvolvidas no espaço público.

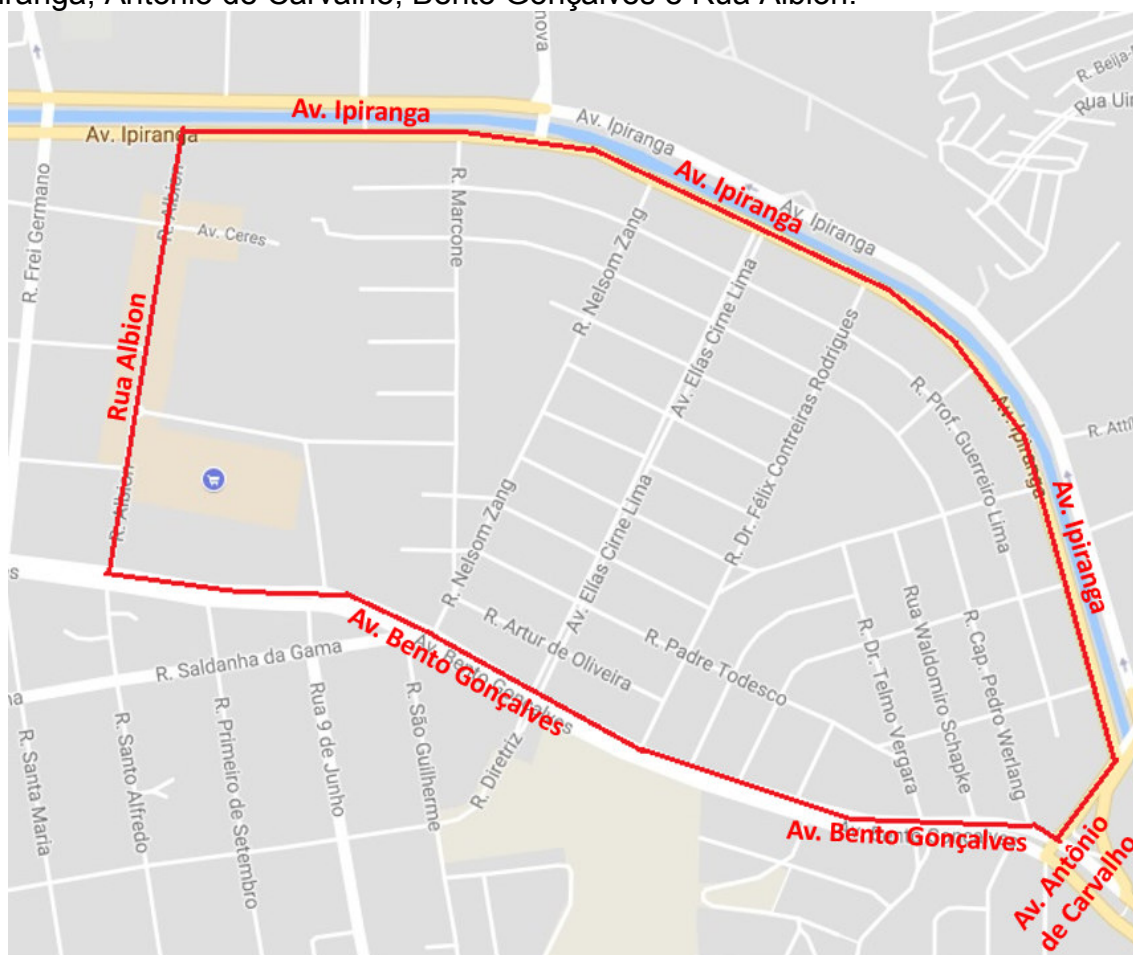
MATERIAIS E MÉTODOS

Em face ao conhecimento da urbe de Porto Alegre, pelo autor, e, utilizando registros do FalaPoa - 156 foi selecionado o bairro Partenon como objeto de estudo para o presente trabalho.

O primeiro instrumento utilizado na avaliação da região foi à visita exploratória: caminhadas despreocupadas realizadas pelo pesquisador no local de estudo, com a intenção de promover um primeiro contato mais atento deste para com o local investigado. É válido ressaltar que as visitas aconteceram de forma

variada, de acordo com os dias da semana. Com isto, realizando-se uma avaliação *in loco*, permitindo optar, por delimitar a área de estudo para a Intercap (uma microrregião dentro do bairro), contemplando um espaço de aproximadamente 20ha (fig. 1).

FIGURA 1. A Intercap no interior do bairro Partenon - delimitada pelas avenidas Ipiranga, Antônio de Carvalho, Bento Gonçalves e Rua Albion.



Fonte: Modificado do Google Maps - imagem sem escala.

Através de tais visitas exploratórias, foi possível identificar que o maior volume de entrega de oferendas era realizado nas segundas-feiras e quartas-feiras a noite, com isto determinando que as visitas, para coleta de dados, ocorressem, particularmente, nas terças e quintas-feiras pela manhã.

O segundo instrumento incluiu algumas entrevistas estruturadas, aplicadas junto aos moradores, frequentadores de praças e mesmo alguns transeuntes. Fundamental esclarecer que a entrevista estruturada se constituiu em uma das mais utilizadas técnicas de trabalho em pesquisa, pois, através de questionamentos sobre o local de estudo, os entrevistados passaram informações sobre suas relações com o ambiente: o que fazem, quando utilizam, o que sentem, e o quanto conhecem, por exemplo.

Os resultados de todas as informações coletadas na fase de estudo referentes à abordagem interpretativa foram agregados de forma a favorecer a análise e compreensão.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Paisagem e espaços públicos urbanos

Santos (2002) estabelece uma necessidade de distinção epistemológica entre espaço e paisagem. Este autor discorda da posição de Torsten Hägerstrand, dizendo que onde este escreve paisagem teria escrito espaço. Paisagem e espaço não são sinônimos. *A paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima* (SANTOS, 2002). Define-se, por conseguinte, a paisagem como sendo trans temporal, pois junta objetos passados e presentes em uma construção transversal. Já o espaço é sempre o presente, uma construção horizontal, uma situação única.

Mais precisamente, o espaço urbano se constitui de particularidades que são percebidas na paisagem, que não se reduz ao visível e ao aparente, e que vai muito além da possibilidade visual; transcendendo-a. A paisagem se constitui de um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e a natureza. O espaço revela a noção de paisagem na qual se encontra um conjunto de formas nos objetos naturais correlacionados com os objetos fabricados pelo homem, particularmente a “diagramação” viária, o formato e o *design* das praças, e os elementos constituintes das vias públicas, dentre outros.

Sendo a paisagem o que se vê, supõe-se necessariamente a dimensão real do concreto, o que se mostra, e a representação do sujeito, que codifica a observação. A paisagem resultado desta observação é fruto de um processo cognitivo, mediado pelas representações do imaginário social, pleno de valores simbólicos. A paisagem apresenta-se assim de maneira dual, sendo ao mesmo tempo real e representação (CASTRO, 2002). Assim, o espaço público, enquanto elemento constitutivo da paisagem urbana, abre caminho para as manifestações públicas, religiosas (especialmente as africanistas), associado ao simbolismo implicitamente presente, por exemplo, um cruzamento de vias (figs. 2 e 4).

FIGURA 2. Oferenda no cruzamento da Avenida Elias Cirne Lima e Rua Artur de Oliveira.



Fonte: acervo do autor, (2018)

Sendo assim, torna-se importante expressar uma conceituação que de consiga explicitar espaço e paisagem no contexto em que se intenciona sua abordagem ao longo deste trabalho, e que, por sua vez, dê conta da abrangência morfológica, ambiental, social, cultural e religiosa, pela interferência da sociedade como um todo. Fundamental, então, estabelecer que o espaço (público) é considerado como aquele que seja de uso comum e posse de todos, sendo, então, entendido com base no encontro, na copresença de estranhos, como um ambiente de expressão coletiva, da vida comunitária, do estar com e entre os outros. É, além disto, um local de acessibilidade totalmente livre, em qualquer momento e para qualquer um; entendendo-se, então, que no contexto da paisagem urbana, o espaço público torna-se de vital participação.

Fundamental, no contexto da pesquisa foi compreender o conceito de Paisagem, vocábulo detentor de inúmeros significados que o enquadram em áreas distintas de estudos, auferindo-lhe um caráter multidisciplinar. A paisagem urbana pode ser interpretada como a combinação dinâmica de elementos naturais e antrópicos, inter-relacionados e interdependentes, que em determinado tempo, espaço e momento social formam um conjunto único e indissociável, em equilíbrio ou não, produzindo sensações de bem estar ou estéticas, dentre outras, como um ecossistema (HARDT, 2000).

A paisagem urbana deve ser concebida a partir de uma composição espacial sujeita a valores e princípios filosóficos inerentes à sociedade a qual pertence. É onde se configura a sociedade, onde são realizados os acontecimentos históricos e as transformações socioeconômicas, entre outras; ou seja, uma paisagem com características próprias, que é entendida como a urbe em sua completude (BONAMETTI, 2010). A cidade se mostra como um construto incrível e dinâmico, sofrendo alterações e transformações constantes ao longo do tempo (fig. 3).

FIGURA 3. Modificação evolutiva de parte da área do bairro Partenon ao longo de 15 anos - a esquerda imagem de 2002; a direita, imagem de 2017.



Fonte: modificado do Google Earth - imagens sem escala.

Segundo Bonametti (2001),

As paisagens urbanas não devem ser lidas somente por meio daquilo que vemos, mas também por meio daquilo com que nos identificamos; por meio daquilo que não conseguimos ver, mas sentimos. As paisagens urbanas devem ser fundadas nos objetos, na luz, na cor, nos sons e na história, assemelhando-se aos panoramas urbanos [...]; onde as tentativas de surpreender o brilho intenso e a delicada beleza estão presentes nas primeiras impressões e na memória das cidades.

A paisagem urbana é uma mistura de arte, ciência, religião e acaso. Desta forma, os seus critérios de organização vão sendo constantemente questionados e modificados com a evolução e transformação da sociedade, das ciências, das técnicas e das diferentes formas de manifestações do poder (BONAMETTI, 2010).

É nos espaços públicos que são desenvolvidas as atividades coletivas, com convívio e trocas entre grupos diversos que compõem a heterogênea sociedade urbana. Confirmam-se como lugares da cidade dotados de uma dimensão material e simbólica (fig. 2), que permitem e oportunizam o encontro e a interação de indivíduos de classes sociais, etnias e religiões diferentes.

O contexto religioso no espaço público

Segundo Cosgrove e Jackson (2000), a paisagem permanece um terreno fértil para as investigações culturais, ela permite a apreensão e percepção de elementos que simbolizam a comunicação que sustentam o significado da relação social. Nessa perspectiva Rosendahl (2001), afirma que “o impacto da religião na paisagem não está limitado somente às características visíveis, tais como locais de culto, apesar destes mostrarem mais claramente formas e funções religiosas, mas também na experiência da fé”.

De acordo com Rosendahl (2002), a religião, ao se expressar como fenômeno cultural, ocorre espacialmente. Nesse contexto espacial se apresentam as religiões imprimindo, no espaço urbano, paisagens religiosas que se comunicam com as pessoas através dos símbolos sagrados. As paisagens religiosas se constituem nas expressões imediatas das religiões e sua sucessão no mundo perceptual.

Sob este enfoque necessário referenciar Cosgrove (1998), ao se enfatizar que as paisagens estão cheias de significados simbólicos expressando as marcas da apropriação e transformação do meio ambiente pelo ser humano. Revelam padrões de diversificação que podem ser verificados em diferentes processos culturais vivenciados pelas comunidades de adeptos. Portanto, a paisagem fornece os elementos da realização das práticas religiosas assim como expressa as marcas da dinâmica que permite entendê-la nos seus símbolos como representação das intencionalidades da religião.

É possível reconhecer o sagrado¹, não apenas como um aspecto da paisagem religiosa, mas também como elemento de produção do espaço. Para entender o

¹ Sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência (ROSENDAHL, 2002). Diferenciando-se do conceito estabelecido por este autor como *um elemento pertencente à divindade, ou à dimensão espiritual, por tais aspectos, inviolável ou inacessível aos homens.*

sagrado é preciso compreender, como contrapartida, o termo profano². Este é entendido não como uma coisa maléfica, mas sim como ausência do sagrado, enquanto àquele está relacionado à transcendência a um ser divino (ROSENDAHL, 2002).

A paisagem religiosa expressada no contexto do espaço público de um conjunto de vias (figs. 2 e 4) revela-se através de símbolos religiosos, que exercem uma demarcação de território para poder traduzir os valores e crenças das pessoas. Aos olhos dos fiéis é considerada como um ambiente sagrado, ou seja, como espaço onde eles se comunicam com forças sobrenaturais. Invocando-as, ou até mesmo dedicando por meio de cultos, preces como forma de reverência ao seu ser supremo. A forma de se cultivar depende de cada segmento religioso.

FIGURA 4. Rotatória no cruzamento da Avenida Elias Cirne Lima e Rua Padre Todesco.



Fonte: acervo do autor, (2018)

A matriz africana no espaço público urbano de porto alegre

A Lei Municipal N° 2.022/1959 (PORTO ALEGRE, 1959) instituiu o bairro Partenon, que, posteriormente teve seu limite ampliado por força da Lei Municipal N° 6.572/1990 (PORTO ALEGRE, 1990), passando a totalizar 470 ha de área.

As religiões afro-brasileiras, através de seus adeptos (devotos) utilizam os espaços urbanos para expressar suas manifestações de maneira diferenciada, vinculada às tradições da bacia religiosa³ cultuada, destacando-se o bairro Partenon, para tais atividades. Neste sentido, a apropriação ocorre pela sacralização de espaços - a Pedra de Xangô, no bairro Espírito Santo (Porto Alegre); o uso de vias públicas (encruzilhadas) para entrega de oferendas (figuras 2, 8 e 10); ou o interior

² Em relação ao profano aplicam-se as interdições aos objetos e coisas que estão vinculadas ao sagrado, em uma realidade diferenciada daquela em que se constitui o sagrado. Espaço ao 'redor' do espaço sagrado (ROSENDAHL, 2002).

³ Termo adotado para identificar uma determinada vertente religiosa, com base nos fundamentos que a norteiam, existindo, e.g., a Umbanda Nagô, o Jeje-Ijexá, e a Cabinda, e outras mais.

de praças (figs. 5, 7 e 9), em um resgate do espaço-mata, preconizado por Barros (2003), apenas para exemplificar algumas situações.

Alvo de ataques diversos e constantes - dos mais declarados aos mais velados - e de representações estigmatizadas com vistas a sua desqualificação, tidas como “primitivas” e “arcaicas” (ORO; BEM, 2008), as religiões de matriz africana no Brasil são, por isso, comumente associadas ao mal, à feitiçaria, à bruxaria e ao impuro (HUBERT, 2011). Decorrente da emergente questão ambiental é fundamental reiterar que as oferendas interferem nos meios urbano e rural, muito embora um senso crítico esteja sendo desenvolvido, no sentido de preservação dos recursos ambientais bióticos e abióticos, minimizando o risco de perderem espaços sagrados sobre os quais a religião se sustenta (FARIAS, 2012).

Desta forma, diferentes interações com o restante do meio ambiente social que se utilizam do espaço público ocorrem. Por exemplo, na Praça Cel. Tristão José de Fraga se percebe certo nível de embate, no que tange a forma de uso do espaço público, como se observa na figura 5.

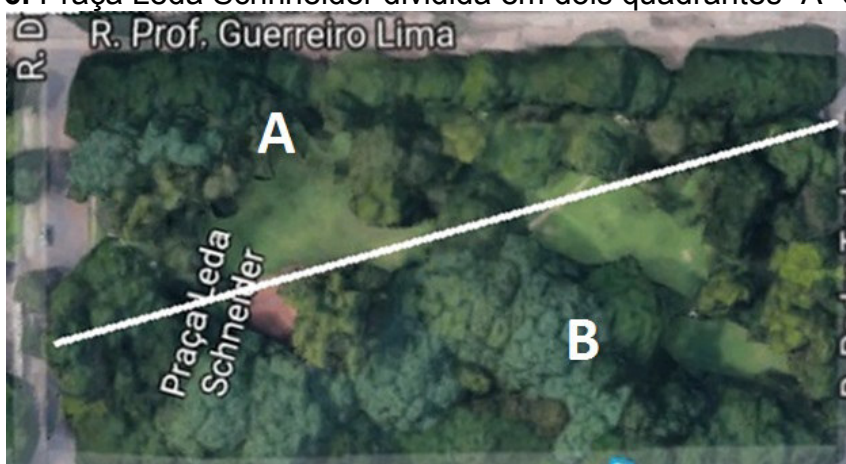
FIGURA 5. O pedido de membro da comunidade e a resposta religiosa. Praça Cel. Tristão José de Fraga.



Fonte: acervo do autor, (2018)

Por outro viés, na Praça Leda Schneider (no bairro Partenon) pode ser observado uma divisão da mesma em dois hipotéticos quadrantes (fig. 6) “A” e “B”. O quadrante “A” possui inúmeras residências que fazem frente para a praça, enquanto o quadrante “B” possui, predominantemente, instituições e empresas. Ao que parece, estes aspectos se expressam como determinantes para o grande número de oferendas que se constata no quadrante “B” (figs. 7 a 9) em detrimento ao quadrante “A”, onde estas manifestações são praticamente inexistentes.

FIGURA 6. Praça Leda Schneider dividida em dois quadrantes “A” e “B”.



Fonte: modificado do Google Maps - Street View.

Percebe-se, desta maneira, por um lado, a relação direta entre o uso do espaço e a ocorrência de manifestações religiosas e, por outro, uma coexistência entre os usos para manifestações africanistas de cunho religioso e os demais empreendidos pela comunidade do entorno. Em que pese o aspecto cultural, observado através do contato com sacerdotes africanistas, não há o hábito de realizar entregas de oferendas em áreas do entorno do próprio Ilê, com isto evitando possíveis conflitos com a própria vizinhança. Tais relações, entretanto, podem não ocorrer em plena pacificidade, mas é evidenciada. Por outra ótica, observa-se que a apropriação do espaço por meio das manifestações religiosas supramencionadas, se dá justamente no setor em que evidencia uma menor propensão aos conflitos culturais; evitando situações como a da Praça Cel. Tristão José de Fraga (fig. 7).

FIGURA 7. Praça Leda Schneider.



Fonte: acervo do autor, (2018)

FIGURA 8. Oferenda junto à Praça Leda Schneider, na esquina das ruas Dr. Pereira da Cunha com Cap. Pedro Werlang.



Fonte: acervo do autor, (2018)

FIGURA 9. Oferendas servindo de alimento para avefauna - foram contabilizados na área, alimentando-se em tais resíduos religiosos, 28 sabiás (*Turdus rufiventris* Vieillot, 1818), 17 pombos-domésticos (*Columba livia* Gmelin, JF, 1789) e 29 rolinhas (*Columbina picui* (Temminck, 1813)). Praça Leda Schneider.



Fonte: acervo do autor, (2018)

Comuns são as interpretações pejorativas acerca das oferendas (comidas, bebidas, perfumes e charutos) distribuídas pelas encruzilhadas das cidades; mormente chamados de despachos. As oferendas e principalmente os sacrifícios praticados pelas religiões afro-brasileiras são, de certa forma, um dos maiores estigmas religiosos da sociedade brasileira atual.

Apesar de tais associações, é fato inegável que as oferendas se expressem como um importante recurso alimentar não somente para a fauna doméstica e a fauna urbanizada, mas também para a população em situação de vulnerabilidade. O exemplo disto foi a constatação da apropriação de alguns componentes (especialmente charutos, cachaça - fig. 10 - e moedas, e, mais raramente, as aves (consagradas) por moradores de rua na área da Intercap (bairro Partenon).

Evidencia-se a presença de um outro grupo social que, igualmente, faz uso do espaço público de um modo diferenciado, quer pela moradia indevida em praças, quer pela apropriação dos recursos aí disponibilizados pelos africanistas, quer pela introdução de resíduos de lixo, ou de outra natureza, nos espaços públicos.

FIGURA 10. Canteiro central da Avenida Elias Cirne Lima junto ao cruzamento com a Rua Dr. Telmo Vergara.



Fonte: acervo do autor, (2018)

O espaço urbano pode ser analisado por várias dimensões sociais que se interpenetram. Corrêa (2003) diz que a dimensão cultural seria uma forma de análise dessa realidade ao estudar o urbano, pois *por seu intermédio amplia-se a compreensão da sociedade em termos econômicos, sociais e políticos, assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade, na rede urbana e no processo de urbanização.*

CONCLUSÕES

Todo ambiente (paisagem ou espaço público) expressa um valor cultural, um comportamento social e as ações individuais de uma comunidade, pois ao longo de sua história acumulou percepções pessoais de sua população, que fixou em sua memória fatos únicos da paisagem que acentuam suas relações e heranças.

Sobretudo, conhecimento se constitui em uma forma de luta contra o preconceito e a opressão que a liberdade de culto, usufruída pelos africanistas, ainda sofre. Mas não somente isto, haja vista que as legislações sanitárias e ambientais também devam ser suportadas por este grupo, buscando, com isto, minimizar impactos visuais negativos, que venham a ferir a sensibilidade dos não adeptos.

Finalmente, fundamental recordar que o poder público (o Estado) é laico, mas o inconsciente coletivo expressa como estigma a manifestação religiosa da maioria (católica), em relação às minorias, as quais passam a ser vistas de forma crítica, especialmente no uso do espaço público, visualizando-se uma segregação. A concepção de espaço público é então, inconscientemente, subvertida pela influência do pensamento ocidental, norteado pelo cristianismo, especialmente o católico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARROS, J. F. P. **Na minha casa: preces aos orixás e ancestrais**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BLOOMFIELD, T. B. Paisagens urbanas e lugares: uma abordagem de geografia cultural para a intervenção urbana polaroides (in)visíveis, de Tom Lisboa, em Curitiba. In: 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. **Anais do ...** Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2008/artigos/072.pdf>>. Acesso em 24 abril 2017.

BONAMETTI, J. H. **A ação do IPPUC na transformação da paisagem urbana de Curitiba a partir da área central**. 2001. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001.

BONAMETTI, J. H. A paisagem urbana como produto do poder. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 2, n. 2, p. 259-273. 2010.

CAIXETA, E. M. M. P.; FROTA, J. A. D'Aló. Arquitetura da paisagem/paisagens de arquitetura: O caso recente de Barcelona. **Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo - USJT - Arq.Urb.**, n. 4, p. 31-54. 2010.

CASTRO, I. E. Paisagem e turismo. De estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, E. (org.). **Paisagem e Turismo**. São Paulo: Contexto, 2002, p.121-140.

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000, p.15-32.

FARIAS, I. V. S. **O Ritual de Oferenda na Umbanda e no Culto à Natureza - Processos de Significação**. 2012. 141f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal do Sergipe, São Cristóvão, 2012.

GARCIA, C. M.; MIRANDA, M. M. S. A paisagem como local de interação social: a orla do Guaíba em Porto Alegre - RS - Brasil. In: IX COLÓQUIO QUAPÁSEL. **Anais do ...** Vitória, 2014. Disponível em: <<http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/03/A-paisagem-como-local-de-interação-social-a-orla-do-Guaíba-em-Porto-Alegre-RS-Brasil.pdf>>. Acesso em 18 Abr. 2017.

HARDT, L. P. A. **Subsídios à gestão da qualidade da paisagem urbana**. 2000. 323f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

HUBERT, S. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afrobrasileiras. **Primeiros Estudos**, n.1, p.81-104. 2011.

MACEDO, S. S. **Paisagismo Brasileiro na Virada do Século - 1990-2010**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. R. RA'EGA, n. 8, p. 83-91. 2004.

ORO, A. P.; BEM, D. F. de. A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje. **Ciências e Letras**, v. 44, p. 301-318. 2008.

PORTO ALEGRE. **Lei Nº 2022, de 07 de dezembro de 1959**. Dá denominação aos bairros de Porto Alegre.

PORTO ALEGRE. **Lei Nº 6.572, de 08 de janeiro de 1990**. Amplia, no sentido Leste, os limites do bairro Partenon.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum. Technology**, v. 33 n. 2, p. 123-127. 2011.

ROSENDAHL, Z. Diversidade, Religião e Política. **Revista Espaço e Cultura**, n. 11/12, p. 27-32. 2001.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo - razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

SANTOS, R. G. ; SANTIAGO, A. G. Arquitetura da paisagem da cidade e a importância da sistematização da análise do problema projetual. **Paisagem Ambiente: ensaios**, n. 24, p. 247-258. 2007.